

O signo linguístico em função onomástica: nomes próprios de pessoa na toponímia municipal alagoana

p. 35 - 45

Pedro Antônio Gomes de Melo¹

Resumo

Este artigo propôs uma reflexão sobre os nomes próprios individuais designativos de cidades do Estado de Alagoas, à luz dos estudos toponomásticos, a partir de uma descrição-crítica dos antropotopônimos - topônimos relativos aos nomes próprios de pessoa - e axiotopônimos - topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios de pessoa - registrados na Toponímia Municipal Alagoana. As análises revelaram que nesse léxico toponímico, há uma preferência do nomeador para eleição dos antropotopônimos no ato de nomear cidades no Estado. E ainda, que a economia e a política são os traços mais marcantes, como fatores influenciadores e/ou condicionadores na motivação toponímica, nos designativos de cidades do Estado dados em homenagem a figuras de relevância nestas comunidades.

Palavras-chaves: Linguística, Onomástica, Léxico, Topônimo.

Abstract

This paper proposes a reflection on individual designators proper names of cities in the State of Alagoas, in the light of toponomastic studies, from a description of the critical-antropotoponimos - place names for the proper names of people - and axiotoponimos - toponyms relating to titles and dignities accompanying person proper names - registered in Toponymy Municipal of Alagoas. The analyzes revealed that this toponymic lexicon, there is a preference for the election of the appointor antropotoponimos the act of naming cities in the state. And yet, that economics and politics are the most striking features such as influencing factors and/or conditioners on toponymic motivation designators in the cities of the state data in homage to the figures of relevance in these communities.

Key words: Onomastics, Lexicon, Toponym.

Introdução

A prática de nomear lugares - atividade eminentemente humana - evidencia os efeitos da sociedade sobre a língua e a maneira pela qual o

mundo nela se apresenta, sobretudo em seu léxico toponímico [2], refletindo e refratando o modo de ver a realidade exterior e a forma como seus membros organizam o meio que os circunda. Sendo assim, é possível percebermos como os

¹ Possui graduação em Letras: português e inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Maceió do Centro de Estudos Superiores de Maceió - CESMAC (1993). Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas/UFAL (2000). Atualmente, é professor assistente da Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL, campus III, Palmeira dos Índios.)

² Isquierdo (2012) define léxico toponímico como o conjunto de “unidades lexicais investidas da função de nome próprio de lugar que podem reunir formas do vocabulário comum, alçadas à categoria de topônimos; nomes próprios de pessoas, de lugares, de crenças, de entidades sobrenaturais que são ressemantizadas com o fim precípua de nomear um lugar.

falantes se valem da língua para representar o mundo a sua volta.

Sob esse olhar, o presente artigo tem por finalidade investigar a relação simbólica entre língua e cultura nos nomes próprios individuais designativos de cidades do Estado de Alagoas, à luz dos estudos toponomásticos, a partir de uma descrição-crítica dos antropotopônimos - topônimos relativos aos nomes próprios de pessoa - e axiotopônimos - topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios de pessoa - registrados no léxico onomástico-toponímico municipal alagoano das Mesorregiões do Agreste e do Leste do Estado de Alagoas.

Nas palavras de Melo (2014, p.90):

Falar sobre estes designativos é retratar a história sociocultural da constituição do léxico onomástico-toponímico municipal alagoano, na medida em que revelam características ideológicas, fatos políticos, culturais e históricos, como também, mostrar os fundamentos do nome próprio em nossa civilização.

O topônimo é o signo linguístico na função onomástica que designa um espaço geográfico e/ou humano. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), ele representa “uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica de seu significado” e evidencia a realidade do ambiente físico e antropocultural de uma dada região.

O estado de Alagoas é geograficamente pequeno, com uma área total de 27. 767,661 km², sendo o 2º menor do país. Faz fronteiras com os Estados de Pernambuco (Norte e Noroeste), de Sergipe (Sul), da Bahia (Sudoeste), além do Oceano Atlântico (Leste). Seguindo a divisão proposta pelo IBGE (2014), é formado por 102 municípios, que estão distribuídos em três mesorregiões (Agreste Alagoano, Leste Alagoano e Sertão Alagoano) e subdivididos em

13 microrregiões: 1 A microrregião de Palmeira dos Índios, 2 A microrregião de Arapiraca, 3 A Microrregião de Traipu, 4 A Microrregião do Litoral Norte Alagoano, 5 A Microrregião de Maceió, 6 A Microrregião da Mata Alagoana, 7 A Microrregião de Penedo, 8 A Microrregião de São Miguel dos Campos, 9 A Microrregião Serrana dos Quilombos, 10 A Microrregião Alagoana do Sertão do São Francisco, 11 A Microrregião de Batalha, 12 A Microrregião de Santana do Ipanema e 13 A Microrregião do Serrana do Sertão Alagoano.

Constitui, assim, a nomenclatura de suas municipalidades e, conseqüentemente, o léxico onomástico-toponímico municipal da microtoponímia do Estado, evidenciando com suas isoglossas os efeitos da sociedade sobre a língua, como, também, a maneira pela qual o mundo exterior nela se reflete. É importante não confundirmos o nome do município com o município propriamente dito, em outras palavras “o topônimo não é o lugar em si, mas uma de suas representações, carregando em sua estrutura sêmica elementos da língua, da cultura, da época de sua formação, enfim, do homem denominador.” (CARVALHINHOS, 2009, p. 83).

As pesquisas toponímicas, atualmente, revelam ser muito mais que uma área de investigação que trata, apenas, da questão de nomear lugares. Esses estudos estabelecem vínculos com as etnias, com as denominações das sociedades de todos os tempos, com a cultura de cada lugar e com as influências que as localidades exercem sobre os nomeadores. Assim, os topônimos podem perpetuar aspectos históricos e ideológicos de uma comunidade. Com efeito, observar intersecções línguoculturais na Onomástica é perceber, pois, como determinados aspectos da cultura de um grupo se imprimem nesses designativos.

O léxico toponímico: os

antropotônimos e o axiotopônimos

A Toponímia – do ponto de vista linguístico – pode ser compreendida como um recorte lexical de uma língua. Trata-se de um ramo da Onomástica (do grego antigo \square νομαστική, ato de nomear) que possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico. Neste trabalho, buscamos viabilizar a compreensão das intersecções entre língua e cultura, por meio do estudo de uma parte do léxico de um grupo sócio-linguístico-cultural de Alagoas.

Nas palavras de Katamba (1993, p. 99), o léxico não consiste numa “lista passiva de palavras e de seus significados, mas um lugar cheio de vitalidade em que as regras são usadas ativamente para criar novas palavras”. Por conseguinte, compreendemos o léxico onomástico-toponímico “[...] como um indicador línguo-cultural, uma vez que o modo como a língua retrata a visão de mundo de um povo evidencia a inter-relação que se estabelece entre língua, meio ambiente e cultura” (MELO, 2013, p.162).

Os signos toponímicos “adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear. Uma vez que o léxico presente na língua de um dado grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia” (Idem, 2012, p. 54). Eles são receptores e refletores de determinantes físicos e antropoculturais registrados numa memória toponímica de representações semânticas intencionais que podem revelar traços socioculturais da memória e da identidade de um povo mediante as particularidades cristalizadas nos nomes de lugares. Nas palavras de Dick (1990, p.365), “identificar acidentes geográficos, significando, é, sem dúvida, a primeira qualidade que se infere do signo toponímico”. Assim, o estudo dos topônimos podem viabilizar a compreensão de possíveis reações da língua

com elementos internos e externos ao sistema linguísticos.

Nessa acepção, cabe às pesquisas toponímicas “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações” (ROSTAINING, 1961, p.7). E mais, observar questões extralinguísticas de natureza física e antropocultural relacionadas à motivação toponímica, pondo em tela fatos onomásticos, especialmente aqueles ligados à Toponímia. Conforme postula Dauzat (1926, p.7), ela “conjugada com a história, indica ou precisa os movimentos antigos dos povos, as migrações, as áreas de colonização, as regiões onde tal ou tal grupo linguístico deixou seus traços”.

No léxico toponímico, essa particularidade fica evidente quando registramos os antropotopônimos – nomes próprios de pessoas, sejam prenomes ou apelidos de família, explicando sua origem, evolução e variação em função de local, época e costumes – e axiotopônimos – topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais homenageando figuras de destaque das localidades nomeadas.

Essa característica é bastante comum na Toponímia, acreditamos que esse uso linguístico traduz uma representação intencional e objetiva na qual o nomeador, por meio da língua, dá a conhecer a partir da atividade verbal uma demarcação expressiva de poder, de posse, de identidade de domínio geográfico de seu(s) grupo(s) de prestígio socioeconômico em Alagoas, homenageando personalidades públicas formadoras do pensamento político e cultural do país.

Apelidos ou nomes refletem expressões linguísticas encontradas pelos homens para individualizar pessoas e/ou família da comunidade, facilitando assim, a identificação de cada um de seus membros. No mundo onomástico, esse

recurso lexical é bastante utilizado no ato de nomear acidentes humanos. O nome individual distingue o portador dos demais membros da comunidade e a forma parental o definirá como integrante de um grupo familiar.

Ao tratar sobre o ato de nomear lugares, Ramos & Bastos (2010, p. 91) afirmam:

É notório que a preferência em nomear os logradouros com nomes de políticos e pessoas abastadas, de famílias tradicionais, está claramente ligada à detenção de poder, isto é, quem possui destaque na cidade é aquele que está de acordo com os padrões do poder político, econômico e religioso e isso é transposto culturalmente.

Isso sugere que dados valores da vida cotidiana como os linguísticos, os étnicos, os sociais, os culturais, entre outros, de um dado grupo se imprimem nos topônimos e sua escolha para nomear um município alagoano perpassa pela convergência destes traços determinantes internos e externos.

Análise e resultados

O *corpus* lexical foi constituído por catorze nomes próprios individuais identificadores de municípios alagoanos, levantados a partir de consulta bibliográfica junto ao Banco de dados do IBGE na *internet*, como também, pela pesquisa documental realizada em documentos oficiais do governo brasileiro, no âmbito local e nacional, livros e revistas que tratavam sobre os municípios do Estado de Alagoas.

Utilizamos o *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (1986) para identificarmos o étimo dos topônimos, além do trabalho de SOUZA & KOCH, intitulado *Linguística aplicada ao português: morfologia* (1987) para as análises morfológicas.

Os antropotopônimos e axiotopônimos serão apresentados em fichas lexicográfico-

toponímicas conforme as mesorregiões nas quais foram detectados, essas fichas se revelam necessárias para a interpretação desses nomes próprios individuais, em virtude de conter vários campos conceituais que forneceram informações relevantes sobre cada um destes locativos.

Mesorregião do Agreste Alagoano

Na mesorregião do Agreste Alagoano, registramos quatro antro-potopônimos. A saber: (01) Paulo Jacinto, (02) Coité do Nóia, (03) Girau do Ponciano e (04) Minador do Negrão na função onomástica de nomear de municípios

01 PAULO JACINTO

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Palmeira dos Índios

Topônimo: Paulo Jacinto

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: Composto de origem latina: paulus, -i ‘pouco, pequeno’ + sm. hyacinthus, ‘pedra preciosa’.

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical paul- + morfema classificatório vogal temática –o + morfema lexical jancit- + morfema classificatório vogal temática –o

Informações Enciclopédicas: Dois aglomerados humanos iniciais, estabelecidos na região, eram chamados pelas respectivas denominações de Lourenço de Cima e Lourenço de Baixo. O primeiro teve origem em uma capela erguida pelo proprietário, Antônio de Souza Barbosa, em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. Nem ele nem Lourenço Veiga, pioneiros que deram grande impulso ao povoado, foram escolhidos para dar nome à cidade. Anos depois, já no regime republicano, a localidade passou a se chamar Paulo Jacinto, por sugestão da direção da Great Western, em homenagem a Paulo Jacinto Tenório, rico fazendeiro de Quebrangulo que havia doado

terras para a passagem da ferrovia.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Paulo_Jacinto#Etimologia

O antropotopônimo Paulo Jacinto designando um município da microrregião de Palmeira dos Índios tem sua motivação de natureza antropocultural, primeiramente com o nome próprio *Lourenço* e, posteriormente, com o nome *Paulo Jacinto*. Na verdade, temos um caso de substituição sistemática por imposição do poder econômico, isto é, a direção da empresa *Great Western* – fator condicionante – impõe a mudança para homenagear Paulo Jacinto Tenório, rico fazendeiro de Quebrangulo que havia doado terras para a passagem da ferrovia.

Nos casos (02), (03) e (04), temos antropotopônimos formados por estruturas mórficas compostas de maneira mediata diferentemente do caso (01), ou seja, composição com auxílio de conectivo. Nesses sintagmas toponímicos, o segundo elemento exerce uma função restritiva.

02 COITÉ DO NÓIA

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Coité do Nóia

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: Composto de origem indígena tupi: *kuieté* ‘cuia feita de coco cortado ao meio’ + *noia* (não identificado)

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *Coite* (nome atemático) + forma dependente de + o = do + morfema lexical *noi-* + morfema classificatório vogal temática –a

Informações Enciclopédicas: Os pioneiros do lugar em que havia pequenas árvores que dão o fruto *coité*, o qual, aberto ao meio, é usado como cuia para beber água, medir farinha ou outros

cereais, pertenciam à família Nóia. O povo colhia os frutos na propriedade dos Nóia, popularizando assim a localidade com essa denominação. A família Nóia, pioneira daquela região, era proprietária das primeiras quatro casas que lá existiram, pelos idos de 1880, conforme depoimento do mais antigo morador da cidade. Manoel Jô da Costa, oriundo de Limoeiro de Anadia, fixou-se naquela área pouco tempo depois, dedicando-se à agricultura e à atividade pastoril. Por volta de 1922, na divisão administrativa do Estado de Alagoas, consta como um lugarejo pertencente ao município de Limoeiro de Anadia. Um intercâmbio maior entre o povoado e as cidades vizinhas, proporcionado pela abertura de novas estradas, contribuiu decisivamente para que Coité do Nóia passasse a ocupar lugar de destaque na região. Tal fato determinou a sua elevação à categoria de município autônomo, através da Lei nº 2.616, datada de 21 de agosto de 1963. Desmembrado de Limoeiro de Anadia, teve sua instalação oficial em 24 de setembro de 1963.

Fonte: www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Coit%C3%A9_N%C3%B3ia#Etimologia

03 GIRAU DO PORCIANO

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Arapiraca

Topônimo: Girau do Porciano

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: composto de origem latina: *gyrus* ‘derivado de giro’ significa tipo de armadilha para caça de animais + *do* (classe indeclinável) + de greg. *poncio*

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical *girau* + forma dependente de + a = do + morfema lexical *porci-* + morfema derivacional –ano

Informações Enciclopédicas: Um dos primeiros proprietários do lugar chamava-se *Ponciano*, que para facilitar sua atividade de caçador construiu um *jirau*, pequena armação de

madeira onde ficavam os animais abatidos. Daí o antropotopônimo Girau do Ponciano. Sendo assim, o designativo do povoamento se deve a um caçador de nome Ponciano que, acompanhado de dois companheiros, instalou um jirau para suas caçadas, aproveitando a caça abundante. Daí se fundou a primeira propriedade. Foi rápido o progresso de Belo Horizonte, primeiro nome do lugarejo. Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936/37, figura no município de Traipu, o distrito de Belo Horizonte. Pelo decreto-lei estadual nº 2909, de 30 de dezembro de 1943, o distrito de Belo Horizonte passou a denominar-se Ponciano, e foi levado à categoria de município com a denominação Girau do Ponciano pela lei estadual nº 2101, de 15 de julho de 1958, desmembrado-se assim, de Traipu.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Girau_do_Ponciano

04 MINADOR DO NEGRÃO

Localização: Mesorregião do Agreste Alagoano; Microrregião de Palmeira dos Índios

Topônimo: Minador do Negrão

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: do francês mine, ‘manancial de riqueza’ + prep. lat. de + adj. lat. niger, nigra, nigrum, ‘preto’.

Estrutura Morfológica: elemento composto híbrido: morfema lexical min- + morfema classificatório vogal temática –a + morfema derivacional –dor + forma dependente de + o = do + morfema lexical negr- + morfema derivacional –ão

Informações Enciclopédicas: O antropotopônimo de Minador do Negrão teve origem no fato de existir na propriedade de Félix Negrão, considerado o fundador da cidade, uma fonte de água cristalina de ótima qualidade e grande potencial. O município deve sua criação e povoamento a uma fazenda de gado que fora

instalada em 1936, por Félix de Souza Negrão. É bem verdade que antes dessa época, já deveriam existir moradores em regiões próximas. Em 1940, foi criada uma feira livre, na qual pessoas e comerciantes de outras regiões vinham para comprar e negociar. Em 1950, foi elevada à condição de vila, já que o progresso da povoação que ali se formava era uma constante. Sempre pertenceu à Palmeira dos Índios, do qual foi emancipado, tornando-se município através da Lei nº 2470, de 27 de agosto de 1962. Sua instalação oficial ocorreu em 9 de setembro do mesmo ano, com o território formado por apenas um distrito, o da sede, situação que ainda hoje perdura.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Minador_do_Negr%C3%A3o

Esses nomes próprios individuais são constituídos por sobrenomes de família, homenageando donos de terras que tinham ligação com o local a ser nomeado, valorizando um sentimento de pertença dessas famílias em relação ao lugar.

Acreditamos que esses antropotopônimos refletem a forma encontrada pelos denominadores para distinguir famílias tradicionais da região. Sendo assim, consiste em uma prática que está claramente ligada à detenção de poder econômico, na qual nomeador deseja reverenciar alguém representativo do poder econômico em uma destas localidades ao longo do tempo, sendo o nome o meio utilizado para perpetuar tal ato.

Mesorregião do Leste Alagoano

Na mesorregião do Leste Alagoano, registramos cinco antropotopônimos e 1 (um) axiotopônimo. A saber: (05) Marechal Deodoro, (06) Colônia Leopoldina, (07) Joaquim Gomes, (08) Teotônio Vilela e (09) Atalaia, na função onomástica de nomear de municípios.

05 MARECHAL DEODORO

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Maceió

Topônimo: Marechal Deodoro

Taxionomia: Axiotopônimo

Etimologia: Composto de origem francês: sm. do fr. *maréchal*, ‘posto superior no exército’ + do latim *Deo*, ‘Deus’.

Estrutura Morfológica: Elemento Específico Híbrido: morfema lexical *marechal* + morfema lexical *deodor-* + morfema classificatório vogal temática – o

Informações Enciclopédicas: A cidade de Marechal Deodoro é um dos sítios históricos mais importantes do Estado de Alagoas. Em 1591, já estava consolidado o seu núcleo urbano inicial, conquistado dos Caetés. Foi a primeira capital de Alagoas. O nome da cidade é uma homenagem ao proclamador da República brasileira Marechal Deodoro da Fonseca. Após a instalação do novo regime, em 15 de novembro de 1889, a velha Alagoas passou a ter a atual denominação. Antes era conhecida como Vila da Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, ou simplesmente, Madalena. O município foi criado em 1636, e em 1817, passou à capital da capitania de Alagoas, criada nesse ano, sendo o nome da vila alterado para Alagoas. Em 1823, foi elevada à cidade. A capital da província de Alagoas passou para Maceió, em 1839. O nome da cidade foi alterado para o atual, no ano de 1939, em homenagem ao Marechal Deodoro da Fonseca, alagoano que foi o primeiro presidente da república do Brasil. Em 16 de setembro de 2006, dia da emancipação política de Alagoas, foi considerada, pelo Ministério da Cultura, como Patrimônio Histórico Nacional, em virtude do seu passado e de ter sido berço do Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República Brasileira.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Marechal_Deodoro#Etimologia

Neste caso (05), temos um axiotopônimo designando um município da microrregião de Maceió. Esse designativo municipal revela a materialização de um discurso de nacionalidade, sócio-historicamente constitutivo, no qual sua escolha está intrinsecamente ligada ao proclamador da República brasileira Marechal Deodoro da Fonseca um militar de alta patente alagoano e afinado em função de interesses de uma dada classe social.

06 COLÔNIA LEOPOLDINA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Colônia Leopoldina

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: sm. do latim *colonia*, -ae e significa grupo de migrante, possessão, domínio. Séc. XVII. De origem latina *leopoldina*.

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical *coloni-* + morfema classificatório vogal temática –a + morfema lexical *leopoldina*

Informações Enciclopédicas: Nasceu com a criação, pelo Governo Imperial, de uma colônia militar, em 20 de fevereiro de 1852, para combater os remanescentes dos revoltosos cabanos e papaméis, instalados na densa mata do território que ia de Maragogi a Porto Calvo. A derrota dos rebeldes terminou com o posto militar avançado, em 1867, mas o povoado que havia se formado em torno dele, consolidou-se. O Imperador D. Pedro II visitou o lugar em 1860. Em vista disso, a antiga colônia homenageou a Imperatriz Dona Leopoldina, mãe do monarca. A Lei 372, de 1861, criou o distrito de Leopoldina e outra lei, de 1901, elevou-o à vila e depois a município. Isso contribuiu para que a antiga colônia voltasse a progredir. Em 1923, passou à condição de cidade. A freguesia foi criada sob as bênçãos de Nossa Senhora do Carmo, mas a comunidade festeja,

também, São Sebastião, São João e São Pedro.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Col%C3%B4nia_Leopoldina

Uma questão interessante na antroponímia municipal alagoana e, provavelmente na Toponímia Brasileira, consiste no fato de que a presença dos antropotopônimos masculinos é bem mais expressiva que a dos femininos.

Acreditamos que esse fato pode ser explicado pela preferência em homenagear políticos, militares de alta patente e ricos proprietários de terras do Estado de Alagoas. Como essas atividades, geralmente, não eram exercidas pelas mulheres, uma vez que durante séculos a sociedade brasileira seguiu um sistema patriarcal, não há recorrência de antropotopônimos femininos no léxico onomástico-toponímico municipal do Estado. Assim sendo, foi registrado apenas 1 (um) antropotopônimo feminino no léxico onomástico-toponímico municipal do Estado: Colônia Leopoldina.

07 JOAQUIM GOMES

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Joaquim Gomes

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: Composto de origem hebraica: sm. Yhoyaquim ‘o que Deus elevou’, + sm. Gomos orius ‘o homem de guerra’.

Estrutura Morfológica: elemento específico composto: morfema lexical joaquim (nome atemático) + morfema lexical gomes

Informações Enciclopédicas: esse antropotopônimo é uma homenagem prestada a Joaquim Gomes da Silva Rêgo, que deu grande impulso ao povoado durante a sua formação histórica, anteriormente, uma pequena aldeia Urupê, chamada pelos índios de Urucum, uma substância que se extrai da polpa do urucuzeiro,

e é empregada na fabricação do colorau. O município de Joaquim Gomes tem suas origens históricas no engenho São Salvador, de propriedade de José Correia de Araújo Barros. Em 1900, Araújo Barros faleceu, e devido a problemas financeiros que envolveram os seus negócios, a sua propriedade ficou alienada a seu genro, Joaquim Gomes da Silva Rego, que tinha a patente de major da Guarda Nacional. O major resolveu tomar a frente dos negócios da família e adquiriu a propriedade até então alienada, do banco credor. Uma de suas primeiras providências foi dedicada a Nossa Senhora da Conceição e graças ao seu espírito empreendedor, o local alcançou notável prosperidade. Antes do início da colonização daquelas terras, os índios urupês – morenos, com cabelos lisos e que se dedicam ao cultivo de lavouras de subsistência – ocupavam a região e ainda hoje existe descendentes desses indígenas habitando no povoado Cocal. A Pequena vila que se formou viveu uma fase de grande desenvolvimento, ensejando o surgimento de movimentos para conseguir sua emancipação política.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Joaquim_Gomes

Neste caso (07), temos um antropotopônimo designando um município da microrregião de Mata Alagoana, localizada na mesorregião do Leste Alagoano. Sua motivação está ligada à figura Joaquim Gomes da Silva Rego um militar de patente de major da Guarda Nacional.

08 TEOTÔNIO VILELA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de São Miguel dos Campos

Topônimo: Teotônio Vilela

Taxionomia: Antropotopônimo

Etimologia: Composto de origem latina:

Estrutura Morfológica: elemento específico

composto: morfemas lexicais teotônio + vilela

Informações Enciclopédicas: Antiga Feira Nova, o povoado começou a ser formado na década de 50, do século passado, em função de uma ponte construída sobre o Rio Coruripe, nas imediações do Engenho São Mateus, propriedade do senhor Samuel Pereira Sampaio. À época, fazia parte do município de Junqueiro, mas no início da década de 70, o empresário Teotônio Vilela comprou parte da propriedade. A partir daí, a povoação cresceu e passou a atrair novos moradores. Esse crescimento originou uma feira semanal que reunia gente vinda de outros locais. Com o passar do tempo, o lugar passou a ser chamado de Feira Nova. Em suas terras se localiza a Usina Seresta, empresa de propriedade da família Vilela. Quando do falecimento de Teotônio Vilela, seu nome foi dado ao município, uma homenagem a sua condição de destacado porta-voz das aspirações nacionais pela democracia na campanha pelo retorno das eleições diretas no Brasil, fato que apressou o fim do regime militar instaurado em 1964. Teotônio Vilela recebeu o epíteto de “Menestrel das Alagoas”. Em 1982, a vila elegeu três vereadores, que começaram, de imediato, o movimento pela autonomia. Através de plebiscito, Feira Nova decidiu pela emancipação política, com o nome alterado para Teotônio Vilela. O município foi criado em 1986. Somente em novembro de 1988, Fernando José Torres foi eleito o primeiro prefeito, tomando posse em janeiro de 1989.

Fonte: http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Teot%C3%B4nio_Vilela

Neste caso (08), da mesma forma que o caso anterior (7), temos antropotopônimo formado por justaposição, no qual o segundo elemento linguístico se une ao primeiro de forma imediata, ou seja, sem o auxílio da preposição. Esse designativo municipal homenageia o

empresário-usineiro e político Teotônio Vilela, figura de destaque nas aspirações nacionais pela democracia na campanha pelo retorno das eleições diretas no Brasil.

09 ATALAIA

Localização: Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião de Mata Alagoana

Topônimo: Atalaia

Taxionomia: Antropotônimo

Etimologia: sf. Sentinela, vigia. XIII. Do árabe.

Estrutura Morfológica: elemento específico simples: morfema lexical atalaia

Informações Enciclopédicas: Tendo tido como primeiro nome Arraial dos Palmares, o atual topônimo do município foi dado por D. José I, em 1764, em homenagem, provavelmente ao Visconde de Atalaia, fidalgo português muito amigo de D. José I. A ocupação das terras onde hoje situa-se o município iniciou-se por volta de 1692 por Domingos Jorge Velho, bandeirante paulista contratado pelo então Governador da Província de Pernambuco Fernão de Souza Carrilho para destruir o Quilombo dos Palmares. Apesar do crescimento da povoação, o Arraial dos Palmares não era reconhecido pelas autoridades. Somente em 12 de março de 1701, o Governador da Província de Pernambuco recebe Carta Régia determinando a criação oficial do arraial, porém com o nome de Arraial de Nossa Senhora das Brotas. No entanto, este nome não caiu no gosto dos habitantes, permanecendo os habitantes utilizando a denominação Arraial dos Palmares. Somente em 1716, os filhos e a esposa de Domingos Jorge Velho recebem o decreto que doa a sesmaria onde hoje localiza-se Atalaia, como recompensa pela destruição dos Palmares. D. José I atendendo em parte às reivindicações da população, elevou o Arraial dos Palmares à categoria de vila, porém, com o nome de Vila de Atalaia, em homenagem ao Conde de Atalaia, seu amigo particular.

Fonte: <http://www.wikialagoas.al.org.br/index.php/Cra%C3%ADbas#Etimologia>

Neste caso (09), temos o único antropotopônimo formado por estrutura mórfica simples, isto é, apenas um morfema lexical em sua constituição formal registrado no recorte do léxico toponímico municipal alagoano aqui analisado.

Esse nome próprio foi dado em homenagem ao Visconde de Atalaia, fidalgo português muito amigo de D. José I. Revelando assim, um modelo de sociedade do capital. Na qual o denominador, por meio da língua, procura impor através da atividade linguística uma demarcação expressiva de prestígio socioeconômico em Alagoas, consubstanciado no signo toponímico.

Considerações finais

Os aspectos abordados no presente artigo, envolvendo os nomes próprios de pessoa – antropotopônimos e axiotopônimos – designativos de cidades do Estado de Alagoas, permitem-nos tecer algumas considerações finais.

Primeiramente, ressaltamos que é impossível abstrairmos a análise antroponímica das relações de poder. Dessa forma, o presente artigo revela o quanto os nomes próprios de lugares, enquanto objeto simbólico, produzem efeitos de sentidos e são investidos de significância para os sujeitos e pelos sujeitos.

Sendo assim, o nomeador é um sujeito situado sócio-historicamente inseridos num tempo e num espaço determinados e os nomes cidades remetem à intencionalidade do ser humano, em um determinado contexto línguo-cultural, que permanecem firmadas nos locativos mesmo quando a motivação toponímica não mais existe. Om efeito, Os topônimos adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear lugares, pois podem designar várias iniciativas, como também, podem ser utilizados para

propósitos muito diferentes e proceder de diversas intencionalidades.

No âmbito do léxico toponímico aqui analisado, destacamos que a relação entre toponímia e poder é materializada na língua por meio de homenagens a figuras representativas da classe dominante, essa intersecção línguo-cultural se apresenta como fonte motivacional recorrente na toponímia municipal de Alagoas, ao longo da história, exercendo, dessa forma, uma forte influência na vida e na identidade da população de cada município do Estado.

Em outras palavras, a economia e a política são traços ou fatores influenciadores e/ou condicionadores na motivação toponímica, marcantes no léxico onomástico-toponímico municipal da microtoponímia do Estado, refletidos nos antropotopônimos e axiotopônimos que nomeiam cidades alagoanas, dados em homenagem a figuras de relevância social nessas comunidades.

Outra questão interessante a ser observada nesse léxico onomástico-toponímico, é a valorização de nomes individuais masculinos em detrimento aos femininos, expressando o pensamento vigente na sociedade, que normalmente ainda atribuía, à figura feminina, um papel secundário em muitas instâncias da vida social, profissional e familiar.

Os dados toponímicos aqui analisados, apresentaram, em sua quase totalidade, exceto a cidade de Colônia Leopoldina, nomes individuais masculinos na função onomástica, sejam como antropotopônimos ou como axiotopônimos, atestando que as mulheres, geralmente, não são homenageadas com nome de municípios em Alagoas.

Quantitativamente foram detectados nove signos linguísticos na função onomástica nas mesorregiões do Agreste Alagoano e do Leste

Alagoano, constituídos de nomes próprios individuais, sendo oito antropotopônimos e 1 (um) axiotopônimos, atestando que, no léxico toponímico municipal alagoano, há uma preferência do nomeador, na categoria dos nomes próprios de pessoa, para eleição de antropotopônimos no ato de nomear cidades no Estado.

Por fim, acreditamos que este estudo comprovou a relevância das pesquisas toponímicas como forma de resgate de aspectos culturais e ideológicos dos grupos sociais, uma vez que os nomes de lugares evidenciam a realidade do ambiente físico e antropocultural de uma dada região, na medida em que revela características de vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo, como também crenças, ideologias, fatos políticos e históricos. Dessa forma, percebemos o valor patrimonial do topônimo.

Referências bibliográficas

- BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 31 abr. 2014.
- CARVALHINHOS, P. J. Interface onomástica / literatura: a toponímia, o espaço e o resgate de memória na obra de memórias da rua do ouvidor de Joaquim Manuel de Macedo. In.: **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, v. 12, n. 10, p. 83-99. 2009.
- CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- DAUZAT, A. **Les noms de Lieux**: Origene et évolution. Paris: Librairie Delagrave, 1926.
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica**: princípios teóricos e modelos taxonômicos. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 1980, 198 p.
- _____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo : Edições Arquivo do Estado, 1990.
- ISQUERDO, Aparecida. Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012, p. 115-139.
- KATAMBA, Francis. **Morphology**. Houndmills :The Macmillan Press, 1993.
- MELO, P. A. G. de. Uma interface línguocultural: um estudo onomástico em topônimos da microrregião alagoana do Sertão do São Francisco. In.: **Memento**, UNINCOR, Minas Gerais, V. 3, n. 1, jan.-jul. 2012.
- _____. Toponímia indígena: um estudo lexical dos nomes de municípios alagoanos de étimo tupi. In.: **Veredas Favip**, . 6, n. 1 – jan.-jun., p. 161-179, 2013.
- _____. Antroponímia municipal alagoana: um estudo onomástico de nomes de cidades do Estado de Alagoas. In.: **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CIFEFIL, v. 18, n. 02, LEXICOGRAFIA, LEXICOLOGIA, SEMÂNTICA E TERMINOLOGIA. p. 90-107. 2014.
- RAMOS, R. T.; BASTOS, G. R. Onomástica e possibilidades de releitura da história. **Revista Augustus**. Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, 2010.
- ROSTAIN, C. **Les noms de Lieux**. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- SOUZA E SILVA, M. C. P. de & KOCH, I. G. V. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. São Paulo : Cortez, 1987.

Artigo enviado em: 05/05/2014

Aceite em: 22/03/2015